

**“NINGUÉM OUVIU MELHOR CADA UM EM CASA”:
LUGAR, TEXTURAS E EXISTÊNCIAS NA LAVOURA
ARCAICA DE RADUAN NASSAR¹**

**“NO ONE HAS HEARD EVERYONE BETTER AT
HOME”:
PLACE, TEXTURES AND EXISTENCES IN THE
ARCHAIC FARMING OF RADUAN NASSAR**

**“NADIE HA ESCUCHADO MEJOR A TODOS EN
CASA”:
LUGAR, TEXTURAS Y EXSISTENCIAS EN
LA AGRICULTURA ARCAICA DE RADUAN NASSAR**

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior

Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: carlosroberto2094@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2630-657X>

Maria Geralda de Almeida

Professora Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Professor Aposentada da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora do PPGEIO da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

(In memoriam)

Resumo:

Redigida por Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* é uma obra literária que narra a partida e o retorno de André, filho do meio de uma família camponesa. O personagem foge de casa em função das imposições paternas e de conflitos domésticos. O presente ensaio realiza uma interpretação geográfico-poética das tensões nas relações entre lugar e lar na narrativa do romance com base na perspectiva diegética do protagonista. Para tanto, a discussão do texto pauta-se na geografia humanista, especialmente na vertente da fenomenologia existencialista. Foram decifradas as condições pelas quais as texturas e vínculos de lugar manifestam os tensionamentos inerentes à subjetividade e intersubjetividade do habitar presentes no diálogo que compõe primeira parte (*A Partida*) da obra. Considera-se que os vínculos de lugar do protagonista reverberam um espectro de sentidos ambivalentes e angustiantes quanto à relação familiar na lavoura.

Palavras-chave: Geografia e Literatura; Habitar; Vínculos de Lugar.

Abstract:

Written by Raduan Nassar, *archaic tillage* is a literary work that narrates the departure and return of André, middle son of a peasant family. The character runs away from home due to paternal imposition and domestic conflicts. This essay is a geographical-poetical interpretation of the tensions in the relations between home and place in the romance narrative based on the diegetic perspective of the protagonist. To do so, the discussion is based upon humanist geography, particularly in its contact with existentialist phenomenology. We deciphered the conditions through which place attachments and textures manifest the tensions inherent to the subjective and intersubjective characteristics of dwelling present in the dialogue that compose the first part of the romance. It is considered that the protagonist's place attachment reverberates a spectre of ambivalent and anxious senses on the familiar relations in the tillage.

Keywords: Geography and Literature; Dwelling; Place Attachment.

¹ Texto publicado no livro *Geografias Literárias: escritos e narrativas*, organizado por Jussara Fraga Portugal, EDUFBA, 2020.

**Resumen:**

Escrita por Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* es una obra literaria que narra la partida y el regreso de André, hijo del medio de una familia campesina. El personaje escapa de casa por conta de las imposiciones paternas y de sus conflictos domésticos. El presente ensayo realiza una interpretación geográfico-poética de las tensiones de las relaciones entre lugar y hogar en la narrativa de lo romance a partir de la perspectiva diegética del protagonista. Con este fin, la discusión del texto se guía por la geografía humanista, especialmente en la perspectiva de la fenomenología existencialista. Son descifradas las condiciones mediante las cuales las texturas y vínculos de lugar manifiestan las tensiones inherentes a la subjetividad e intersubjetividad del habitar presentes en los diálogos que componen la primera parte (*La Partida*) de la obra. Se considera que los vínculos de lugar del protagonista hacen eco a un espectro de significados ambivalentes y angustiantes de la relación familiar en la *lavoura*.

Palabras-clave: Geografía y Literatura; Hogar; Vínculos de lugar.

1 AO ENTRAR NA VARANDA...

Raduan Nassar, descendente de imigrantes libaneses e nativo de Pindorama-SP, é um dos mais significativos autores da literatura contemporânea. Foi contemplado com os prêmios Jabuti (1976), Coelho Neto (1976) e Camões (2016) em decorrência da profundidade existencial de suas narrativas. Suas obras foram traduzidas para alemão, inglês, francês e espanhol, elemento que demonstra sua relevância no panorama literário mundial.

De narrativa sórdida, que desconstrói padrões linguísticos e gramaticais, compõe tons que imergem o leitor em reflexão acerca do existir. Como Rodrigues (2006) e Abati (1999) dissertam que, em contraposição a outros autores do período da literatura panfletária, Raduan encaminhou uma obra que afastou-se do circunstancial e oferta um diálogo entre poesia e filosofia.

O autor arquiteta críticas às grandes narrativas ou regionalismos. *Lavoura Arcaica*, publicado originalmente em 1975, incorpora essa proposição ao se dedicar aos conflitos *arcaicos* do ‘eu’ e o ‘outro’, razão e emoção. Na condição de romance *outsider* ao período de sua publicação (RODRIGUES, 2006; SOUZA, 2012), a obra se situa em um lugar-*lavoura* arquetipo, que transcende intenções de identificar um local específico.

O enredo da obra trata da *Partida* e *Retorno* de André, filho do meio de uma família camponesa. Sua fuga diz respeito às pressões efetivadas pelo pai e o incesto consumado junto à irmã Ana. Em decorrência da visita de seu irmão Pedro, o primogênito, à pensão onde havia se hospedado, o protagonista retorna ao lar. Esses movimentos tramam, no decorrer do romance, a instalar a tragédia que irá consumir-se ao findar da obra.

Pelo fluxo de consciência do personagem central é possível imergir nas relações que se desdobram na dinâmica do lugar. Entre memórias, imaginações e sensações, a narrativa flui rumo a consubstancialização de componentes fundantes da experiência de realidade geográfica do lar. A desconfortante trama reverbera, destarte, as poéticas nefastas de um habitar que se realiza no mundo vivido em transcendência à *topofilia* e *topofobia*.

Nesta *lavoura* trágica, adentram-se situações em que emergem geograficidades intensas. Em diálogo com o protagonista, questiona-se: de que maneira são manifestas as tensões lugar-lar na



Lavoura Arcaica? Como se espacializam as texturas de lugar na composição dos vínculos existenciais dos personagens da obra? Objetiva, destarte, realizar uma leitura geográfico-poética das contradições do habitar de modo a enriquecer a discussão acerca do conceito de lugar.

Para isso, intenta-se arquitetar pontes entre geografia humanista e a literatura de modo a estabelecer caminhos para ser-no-mundo. Pela perspectiva adotada compreende-se, como evoca Gratão (2010, p. 312), que “o geógrafo necessita abrir os livros, os olhos e as janelas para outros horizontes de saberes” para sentir os diversos mundos que o rodeiam. Nessa proposta de leitura hermenêutica da obra, busca-se a interpretação da espacialidade diegética nela presente por meio dos conceitos da geografia.

Nos itinerários dessa fenomenologia existencialista pautada em Merleau-Ponty (2011; 2012; 2014), navega-se pelas espacialidades geradas nas coerências internas e narrativas do mundo da *Lavoura Arcaica*. Compreende-se que, como Merleau-Ponty (2012, p. 152) pondera, “as palavras, na arte da prosa, transportam aquele que fala e aquele que ouve a um universo comum, mas o fazem ao nos arrastarem com elas para uma significação nova”, em constante *re-criar*.

Na imersão ao romance e correlação com a bibliografia geográfica concernente, fez-se possível enveredar pelas vias fenomenológicas e velejar por mares existenciais. Para a consubstanciação desta discussão focou-se no diálogo preliminar entre André e Pedro na primeira parte (*A partida*) da obra, em que o protagonista rememora e lamenta acerca das condições e razões de sua fuga.

O texto se estrutura em duas partes, *Pelas imensidões dos pastos*, em que nos concerne a problemática das tensões (inter)subjetivas do habitar, e *Entre os corredores confusos de nossa casa*, que emerge das contradições de texturas derivadas da *gestalt* do lugar.

2 PELAS IMENSIDÕES DOS PASTOS

As manifestações de André acerca da forma como a casa se configura reverberam sentidos de afetividades densas que transbordam a materialidade do lar. Nas passagens em que desvelam suas memórias da juventude sob os domínios do patriarca, insinua sentidos de seus sentimentos quanto ao habitar. Problematisa, mas também vive, situações de escárnio, reunião ou trabalho, no amplo espectro do existir a que está submetido.

Ainda que em sua estadia no quarto de pensão tente fugir deste efervescer emocional, a chegada de Pedro para lhe buscar provoca um jorro profundo em sua consciência. Nos primeiros instantes do encontro dos irmãos, o príncipe rememora: “era boa a luz doméstica da nossa infância, o pão caseiro sobre a mesa, o café com leite e a manteigueira, essa claridade luminosa da nossa casa” (NASSAR, 1989, p. 26). Evidencia-se que o lugar, pela sua condição fundante da dimensão



especial do existir, permanece como parte daquilo que o sujeito é. Mesmo em sua recusa, manifesta na *partida*, persistem meandros do lar em seu âmago.

Como pondera Seamon (1979) o habitar perpassa um sentido relevante de *at-homeness* que sistematiza o núcleo motor da dinâmica de lugar. Por ser-no-mundo, André, se posiciona de maneira a estabelecer elos relacionais com o espaço que o dotam de significado. Em sua intempestividade, a vista de Pedro reativa suas experiências recalçadas acerca da *lavoura*. Gesta-se, na realidade geográfica, teluridades e virtualidades que se substanciam em vínculos de lugar.

Se, como propõem Scannel e Gifford (2014, p. 23), vincular-se é indispensável para a experiência humana, e “we necessarily form meaningful connections with particular people, groups, objects and places. These many ties situate and secure us in broader social and physical environments, connect us to the past, and influence future behaviors”², a vivência de *at-homeness* é constitutiva de vínculos de lugar que são arquitetados pela necessidade de criação de elos. Por essa perspectiva, é basilar a consideração de que essa relação pode estar conectada a situações positivas e/ou negativas.

Tomados em sua concepção ampla manifestam-se na conexão entre os elementos do lugar e os próprios sujeitos. É uma ligação visceral em que a *carne (la chair)*, elemento constitutivo do ente (MERLEAU-PONTY, 2014), se expressa na condição de ser *em-si* e *para-si* em simultaneidade existencial. Ao reconstituir a experiência dos sermões paternos no lar o protagonista evoca meandros desta geopoética tensa do lar:

que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraindo tanto como os sinos graves marcando as horas (NASSAR, 1989, p. 47).

Emana da mesa dos sermões um ambiente hostil ponderado por uma temporalidade *arcaica* que remonta aos tempos do avô, patriarca pretérito. Os ares mediterrâneos do pêndulo denotam opressões que coalham os rostos adolescentes dos descendentes de Iohána, o pai. Emerge nessa memória uma vinculação que se refere à solidão e angústia que reverberava desde cedo em André.

Souza (2012, p. 53) pondera que “a suposta atmosfera harmônica dessa família encobria desejos, vontades, dores e solidão. O discurso do pai não alcançava a família”. Seus sermões indicam situações limítrofes em que as subjetividades eram reprimidas pela vontade do coletivo que figurava em sua forma de exercer sua palavra à cabeceira da mesa. Contrapõe-se à *luz doméstica* a que o protagonista lembrava antes.

² “Nós necessariamente formamos conexões significativas com pessoas, grupos, objetos e lugares particulares. Esses muitos laços situam e nos asseguram em meios físicos e sociais mais amplos, conectam-nos ao passado, e influenciam comportamentos futuros” (SCANNEL; GIFFORD, 2014, p. 23, tradução livre).



Se o lugar é um nodo significante marcado pelas vinculações efetivadas pela experiência no mundo, infere-se que sua *carneidade* se refere à escala subjetiva em que emerge na realidade. Karjalainen (2012, p. 6) considera que “o lugar é um fenômeno experiencial, algo que, desde o início, é uma parte essencial da vida”, logo, é na *carne* do mundo que nasce seu fundamento ontológico que virtualiza o ser.

Como propõe Merleau-Ponty (2011, p. 576), “o sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece ‘subjetivo’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito”. Nas fissuras das imposições, o sujeito exterioriza-se como potencialidade existencial. Como aponta o filósofo, é por ser-**no**-mundo que se dimensiona uma perspectiva pessoal, íntima e recíproca da experiência.

André, neste contexto, apresenta uma perspectiva de lugar que parte da sua condição de sujeito ativo, que é fruto e agente da *lavoura*. Nas espacialidades intensas do seu habitar, se distraí com o pendular do relógio e reflete sobre cada um dos que estão a partilhar a mesa. Sua experiência perpassa corporeidades que se desvelam nos múltiplos sentidos e sensações que são expressas.

Em sua dimensão subjetiva, como discorre Lang (1985, p. 203), “my existence as embodied finds a new access to the world in the home. The home becomes my second body”³. Há, nessa escala, uma espécie de corpo-lugar que é dimensionado pela relação que André estabelece no mundo do *lavar* a que está vinculado. As situações e contextos de sua realidade geográfica, levam-no a uma conexão densa com o lar que se dinamiza em outra *carne*, como um ente que também **o habita**.

Por meio desta condição de *um outro corpo, de outra carne*, o lar formaliza-se para além de um invólucro habitável. Dimensiona-se na virtualidade de um modo de existir que se aflora pelas experiências do sensível vidente que por ele estabelece uma *gestalt* específica. Cada solução ou palavra reprimida na mesa de sermões a que se refere o protagonista é evidência dessa geograficidade imanente presente na coabitação do lugar.

Isso indica-nos, destarte, que há, em transcendência ao experienciável na dimensão do ser-no-mundo, uma escala que perpassa outros sujeitos. Se, como discorre Blunt (2005, p. 506), “the home is a material and an affective space, shaped by everyday practices, lived experiences, social relations, memories and emotions”⁴, o lar faz-se exatamente por esse somatório complexo de experiências humanas. O potencial do habitar está necessariamente conectado a uma escala intersubjetiva que conecta, por meio de vínculos, aqueles que nele vivem.

³ “minha existência como corporificado encontra um novo acesso ao mundo no lar. O lar se torna meu segundo corpo” (LANG, 1985, p. 203, tradução livre).

⁴ “o lar é um espaço material e afetivo, moldado pelas práticas cotidianas, experiências vividas, relações sociais, memórias e emoções” (BLUNT, 2005, p. 506, tradução livre).



É relevante o efeito que o encontro com Pedro ocasiona no protagonista quando “foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira” (NASSAR, 1989, p. 11). Não é apenas André que habita o corpo-lugar que compõe o lar, mas a coletividade familiar. O enlace do primogênito reverbera em seu âmago como corporificação do habitar o corpo-lavoura. Se entendido desse modo, o sujeito, em sua conexão ao lar, é fruto dessa teia relacional composta pelas múltiplas subjetividades, ainda que algumas sejam suprimidas.

O l(ug)ar, pelo que propomos, é um conjunto inseparável que se relaciona à individualidade e à coletividade, em diferentes graus de estabilidade de *at-homeness*. A figura 1 intenta mapear a maneira pela qual essas duas expressões (inter)subjetivas do lugar-lar se reverberam em uma contraposição complexa que é conectada pelos vínculos. Na escala do l(ug)ar, os corpo-sujeito interagem em uma dinâmica que necessariamente perpassa por tensões.

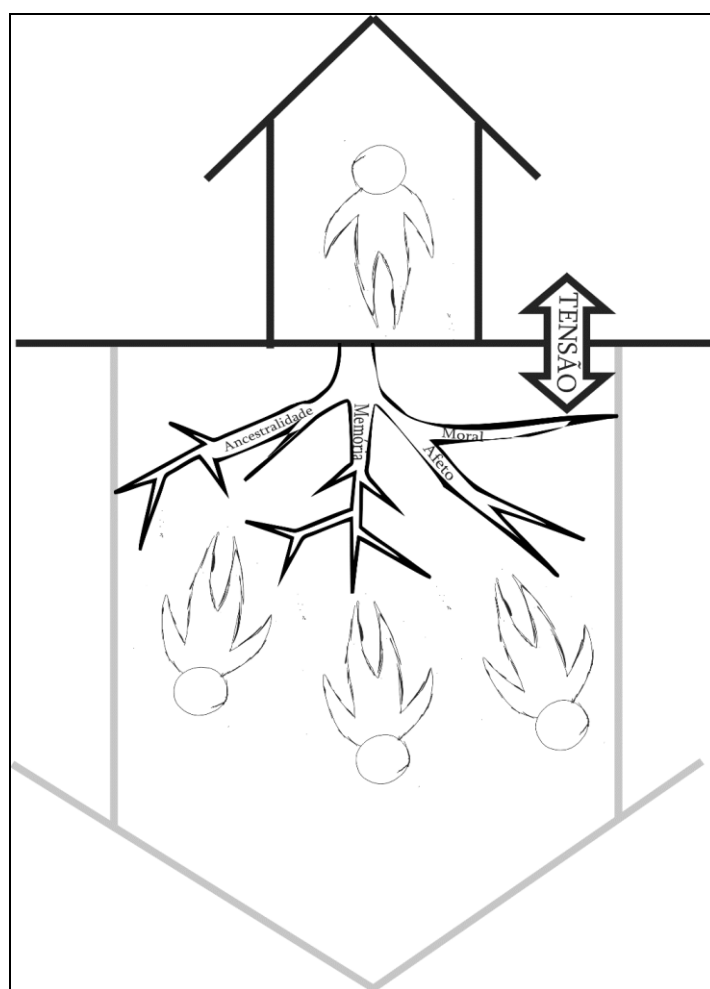


Figura 1: Mapa afetivo do l(ug)ar.
Autoria: SOUZA JR, C. R. B. (2017).
Design: FREITAS, J. S. (2017).

Compreende-se por essa via que toda relação ‘eu’ e ‘outro’, como discorre Merleau-Ponty (2011; 2012), está inserida no limiar de um encontro de mundos. De acordo com Lau (2004, p. 157,



grifo nosso), “for Merleau-Ponty, intersubjectivity means the inherence of any individual subject to the generality of a world”⁵, ressalva em **um** mundo, àquele que conforma a lógica que reúne os sujeitos em torno daquele objeto ou lugar. Na conexão fundante que é efetivada pelos vínculos que são partilhados pelo existir no lar, emergem nexos que correlacionam experiências de um cosmo intenso.

É relevante a explicitação das contraposições que ocorrem nessa *generalidade* que se resinifica na alienação do poder perpétuo de se dar novos mundos. Por ser manifesta na escala do (inter)subjetivo, a materialidade existencial do l(ug)ar dimensiona a maneira pela qual um mundo se impõe no contexto da realidade geográfica habitada. André, em crítica ao pai, lamenta:

veja, Pedro, veja nos meus braços, mas era ele também, era ele que dizia provavelmente sem saber o que estava dizendo e sem saber com certeza o uso que um de nós poderia fazer um dia, era ele descuidado num desvio, olha o vigor da árvore que cresce isolada e a sombra que ela dá ao rebanho, os cochos, os longos cochos que se erguem isolados na imensidão dos pastos, tão lisos por tantas línguas, ali onde o gado vem buscar o sal que se ministra com o fim de purificar-lhe a carne e a pele, era ele sempre dizendo coisas assim na sua sintaxe própria, dura e enrijecida pelo sol e pela chuva, era esse lavrador fibroso catando da terra a pedra amorfa que ele não sabia tão modelável nas mãos de cada um (NASSAR, 1989, p. 41).

No corpo, os braços calejados e marcados rememoram a *carnalidade* do l(ug)ar, da *lavra* de espíritos realizada pelo pai. A vinculação com a *lavoura* que fere por meio de sua ciclicidade de geograficidade telúrica efetiva uma forma de viver o lar. Na perspectiva do patriarca, nesse *descuido* a que ressalta o filho, eles eram como o gado de couro enrijecido pelo intemperismo de muitas labutas. Seu sofrer se mistura à condição originária de habitar a terra.

Como ressalta Dardel (2011), a realidade geográfica exige, as vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos sujeitos. A sombra e rigidez da árvore é a virilidade opressora do pai que transcorre nesse trabalho que *purifica* a carne. Confunde-se onde começa e termina a teluridade que oprime e enrijece a existência no lugar. A árvore, ainda que isolada, compõe-se como parte da sinfonia que dinamiza o lar como centro poético do existir.

Esse *lavrador fibroso*, constata André, está fadado a modelar a natureza contraditória do habitar que se consubstancia na intersubjetividade dos filhos. O conflitualidade da *lavoura* estava, já nesse momento anunciada. Da mesma terra de onde advém a pedra amorfa há de haver a massa modelável da subjetividade de outros projetos de existência. A revolta do protagonista traça o itinerário desse habitar que percorre a gênese de tensões.

⁵ “para Merleau-Ponty, intersubjetividade significa a inerência de qualquer sujeito individual à generalidade **de um** mundo” (LAU, 2004, p.157, grifo nosso, tradução livre).



É compreensível, como propõem Seamon e Mugerauer (1985, p. 8), que “dwelling involves the process by which a place in which we exist becomes a personal world and home”⁶. Da mesma forma, na imensidão dos pastos, conforma-se um cosmo existencial em que a significância do ser manifesta o dever derivado da conflitualidade do intersubjetivo. Como mundo pessoal, o lar reverbera as complexidades das geopoéticas telúricas dos suspiros de quem nele vive.

3 ENTRE OS CORREDORES CONFUSOS DE NOSSA CASA

Nas evidências das tensões do habitar, refletimos acerca das questões que concernem a dimensão afetiva-emocional que emergem no lar. Como nodo significante por meio da experiência perceptiva, o lugar transborda da geograficidade inerente da existência. Os elementos do mundo e do sujeito em sua constituição *carnal* coabitam texturas que são corporificadas no l(ug)ar.

Isso releva, como ressalta Relph (1976, p. 37), que “what is important is the sense that *this* place is uniquely and privately your own because your experience of it is distinctively personal”⁷. Ainda que haja uma composição intersubjetiva que transcenda à individualidade do fenômeno de lugar, seu nexos experiencial ocasiona em necessária conflitualidade com a relação com o *outro*.

No contexto do lar, isso se manifesta com particular intensidade. Por se tratar de um lugar que perpassa a dimensão do coletivo, o projeto de individuação do sujeito conecta-se à maneira pela qual ele é arquitetado. Na sua perspectiva pessoal, constrói-se por meio da percepção e imaginação que fundamentada na corporeidade dinamiza lógicas de existência. Sentimentos e emoções se aglomeram de forma a bordar uma trama íntima que dá substância ao lar.

Contudo, como a tragédia da narrativa pessoal de André explicita, o microcosmo da casa é, também, um espaço de opressões e violências. Shaw (2014, p. 587) considera que “rather than being either a space of isolation or a space of protection, home is most frequently both of these, to some degree”⁸. Os vínculos de lugar que permeiam o habitar do lar confluem rumo à contradição de um espaço que é, ao mesmo tempo, proteção íntima e dor desesperadora.

É relevante a confissão de André ao irmão de que: “Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário, mas alguma vez te ocorreu?” (NASSAR, 1989, p. 42). A indagação-provocação é sintomática de uma unicidade do corpo-lugar que age como continuidade espacial de anseio do patriarca. Cada tijolo do lar é um agente de seu ideal ético centrado no nexos da *lavra*.

⁶ “Habitar envolve o processo pelo qual um lugar em que existimos se transforma em um mundo pessoal e lar.” (SEAMON; MUGERAUER, 1985, p. 8, tradução livre).

⁷ “O que é importante é o senso de que *esse* lugar é unicamente e privativamente nosso próprio porque sua experiência dele é distintamente pessoal” (RELPH, 1976, p. 37, tradução livre).

⁸ “mais que ser um espaço de isolamento ou um espaço de proteção, o lar é com maior frequência ambos, dada certa gradação” (SHAW, 2014, p. 587, p. 587, tradução livre).



As paredes rochosas padecem das incertezas virulentas do Pai, que transmutam sua angústia pessoal em vontade de controle que, por sua vez, adquiria textura e densidade no lugar. Expõe as vísceras da realidade geográfica que se efetiva no percurso violento da supressão dos desejos e sonhos individuais. O ideal coletivo expresso no sangue arrancado pelo calcário de cada parede revela a rusticidade de um existir cerceado.

De acordo com Tuan (1982, p. 9), “What is the self? Who am I? To raise this type of question presupposes an ability to stand apart from the group. Individuals must be capable of physical and psychological withdrawal”⁹. Se a supressão sumária efetivada no âmbito das porteiras de Iohána impede que o lugar possa ser um núcleo de subjetividades, ela impede questionamentos que levam o sujeito à sua individuação. Torna-se, logo, um ataque lascivo aos contornos do processo fundante de gêneses de mundos. Porém, a percepção de André rememora que mesmo nessa dinâmica de enclausuramento é possível vivenciar uma experiência distintamente pessoal.

Por mais confusos que fossem os corredores, eles tornaram-se um elemento significativo para o protagonista. Para Rubinstein e Parmelee (1992, p. 139), “attachment to place is a set of feelings about a geographic location that emotionally binds a person to that place as a function of its role as a setting for experience”¹⁰. Seja por ancestralidade, experiência ou *angústia*, as feridas abertas pelas paredes da casa remontam a um vínculo de lugar que manifesta a ambivalência da *gestalt* do l(ug)ar na *lavoura*.

Como continuidade do corpo coletivo da família, as paredes dividem cômodos, desejos e frustrações. As experiências de lugar dos sujeitos, destarte, diferem em função da própria percepção introspectiva do microcosmo em que se inserem. Merleau-Ponty (2014, p. 22) contribui à reflexão ao sumarizar que “nós vemos verdadeiramente a coisa mesma e a mesma coisa – e, ao mesmo tempo, não alcanço nunca a vivência de outrem. É no mundo que nos reunimos”. Mesmo no *quale visual* a que trata o corpo vidente há uma *invisibilidade* fundante que decorre da *carne* do mundo.

Esse corpo-consciência que vive e reage concerne-se e significa o espaço pela sua condição de ser-no-mundo. Pela reciprocidade do vivido, gestam-se nexos contextuais que delimitam situacionalidades que concernem mundo e lugar. Os *corredores confusos* são sintomas dos sermões do pai, marcados pelos *enxertos de várias geografias* em que a intenção de ordem era alcançada por meio de medo e assertividade.

Da mesma maneira, André também consegue visualizar os suspiros de esperanças abortadas dos outros membros da família. O protagonista descreve que ao afundar as mãos no cesto de roupas

⁹ “O que é o eu? Quem sou eu? Levantar esse tipo de questionamento pressupõe a habilidade de se destacar do grupo. Indivíduos devem ser capazes de física e psicologicamente se afastar do grupo” (TUAN, 1982b, p. 9, tradução livre).

¹⁰ “vinculação ao lugar é um conjunto de sentimentos sobre a localização geográfica que emocionalmente conecta uma pessoa àquele lugar como uma função de seu papel como situação para experiência” (RUBINSTEIN; PARMELEE, 1995, p. 139, tradução livre).



sujas consegue explorar aquilo que não é visível pelos corredores do corpo paterno. Como expressa para o irmão:

era preciso conhecer o corpo da família inteira, ter nas mãos as toalhas higiênicas cobertas de um pó vermelho como se fossem as toalhas de um assassino, conhecer os humores todos da família mofando com cheiro avinagrado e podre de varizes nas paredes frias de um cesto de roupa suja; ninguém afundou mais as mãos ali, Pedro, ninguém sentiu mais as manchas de solidão, muitas delas abortadas com a graxa da imaginação, era preciso surpreender nosso ossuário quando a casa ressonava, deixar a cama, incursionar através dos corredores, ouvir em todas as portas as pulsações, os gemidos e a volúpia mole dos nossos projetos de homicídio, ninguém ouviu melhor cada um em casa (NASSAR, 1989, p. 44).

Como *carne* pulsante, o lugar de hemorragias emotivas descrito por André demonstra a solidão presente na união familiar. No l(ug)ar da família unida preconizado pelo pai há, em verdade, um ossuário de sonhos abortados. Se, de acordo com Seamon (2014, p. 12), “place attachment is part of a broader lived synergy in which the various human and environmental dimensions of place reciprocally impel and sustain each other”, é nessa circunstancialidade que aquilo que vincula efetivamente sujeito-lugar transborda *topofilias* ou *topofobias*.

Sustenta-se que pela percepção e imaginação os vínculos são ambivalentes, tal qual a própria experiência humana. A mesma minúcia e parcimônia necessária para que André sentisse o corpo de cada um nas paredes frias do cesto de roupas sujas é a motivação de sua fuga. Há angústia derivada da ordem paterna, mas também empatia, compaixão e egoísmo. Esses sentimentos se misturam em transcendência à simplificação de uma essência que brota nos mares do mundo aberto pelo fenômeno de viver o l(ug)ar.

Pela indivisibilidade entre *percipiere e percipi* que propõe Merleau-Ponty (2011; 2012; 2015) é possível constatar que há um constructo denso que se dinamiza naquilo que plenamente constitui-se como ser. Neste sentido, a virtualidade efetiva do existir desdobra-se desse *quale visual* “porque, como textura, é a concreção de uma universal visibilidade de um único espaço que separa e reúne, que sustenta toda coesão” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 52-53). Irrompe-se que a visibilidade inerente da *gestalt* é que propicia o devir lugar-sujeito.

A casa ressoava porque na frieza das paredes há uma textura indicativa das opressões sentidas pelos sujeitos. Como corpo da família inteira, as roupas sujas formam a coesão do l(ug)ar manifesto pelas relações construídas na *carnalidade* do mundo. São contradições que se relacionam à própria coisa como ela emerge em visualidade vivida. Essa reciprocidade inexorável clama perceptivamente pelo sujeito que faz com que haja sentido para ela.

Desta forma, considera-se que pensar “a place's *texture* thus calls direct attention to the paradoxical nature of place. Although we may think of texture as a superficial layer, only *skin deep*,



its distinctive qualities may be profound”¹¹ (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001, p. xiii). Na superficialidade aparente da visibilidade de um cesto de roupas sujas, André sente as invisibilidades inerentes aos membros da família e faz com que elas se conformem por meio de *quale visual*.

Conforme realça Seamon (1979, p. 80), “the home *appropriates* space. Appropriation involves, first, a sense of possession and control: the person who is at home holds a space over which he is in charge”¹². Esse modo de apropriar-se consiste nessa emergência recíproca sujeito-lugar a que André elenca ao sentir as ressonâncias e gemidos da casa. Elencam-se distinções que partem do íntimo imaginário e existencial que fluem pelo corpo-família.

As texturas de lugar, como afirmam Adams, Hoescher e Till (2001) se referem à somatória de *gestalt*, fluxos e atos comunicativos que em múltiplos contextos criam e são constituídas pelo habitar. Na condição de gênese de l(ug)ar, a vivência efetiva de André, em suas contradições, efetiva um modo de compreensão que faz emergir um mundo que é seu. No contato intersubjetivo estabelecido nascem incursões que desafiam as texturas paternas que impõem corredores confusos.

Como pondera Merleau-Ponty (2015, p. 21), a “*Gestalt* é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos ‘elementos’ de ‘todos’, articulados, eles próprios, em todos mais extensos”. Nessa contraposição o l(ug)ar é justamente esse fenômeno denso que se forma no horizonte de relação entre esses diferentes projetos/abortos de mundo que compõem a trama habitada pelos sujeitos. Na perspectiva do protagonista isso se manifesta também quando deplora ao irmão:

vá depois disso direto ao roupeiro, corra ligeiro suas portas e procure os velhos lençóis de linho ali guardados com tanta aplicação, e fique atento, fique atento, você verá então que esses lençóis, até eles, como tudo em nossa casa, até esses panos tão bem lavados, alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai (NASSAR, 1989, p. 41).

Guardados com tanta aplicação, os lençóis desdobram os sentidos da força fálica que denota os contornos do *Topos* imposto. Eles desvelam as texturas do lugar do patriarca que conforma o corpo-lar à suas vontades. Dos projetos suprimidos, a impregnação ocasionada pelas palavras-sementes de sermões paternos materializa-se na composição do limiar pelo qual a tensão desestabiliza o l(ug)ar.

A atmosfera descrita denota os itinerários da fuga de André, das imposições de uma *aplicação* artificial, que não consegue compreender a profundidade texturizada do lugar. Limitada,

¹¹ “A *textura* de um lugar, logo, chama atenção direta à natureza paradoxal do lugar. Mesmo que nós possamos pensar de textura como uma camada superficial, apenas na *finura da pele*, suas características distintas podem ser profundas” (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001, p. xiii, tradução livre).

¹² “O lar *apropria* espaço. Apropriação envolve, primeiro, um sentido de posse e controle: a pessoa que está em casa toma o espaço sob o qual está encarregado.” (SEAMON, 1979, p. 80, tradução livre).



a perspectiva impregnadora do pai também limita. Como fenomenologicamente o “man is viewed as an embodied being, whose reason and cognitive powers are only the visible part of a much deeper and wider engagement with the world”¹³ (HAN-PILE, 2006, p. 240), ele é centro e princípio ativo para a própria existência de *um* mundo.

Portanto, é na substancialidade da *gestalt* em *devir* que a textura indica potencial de horizonte geográfico em que todo canto do lugar pode ser habitado e transformado em situação que vincula os sujeitos. Isso significa que a própria opressão e conflitividade derivada da natureza contraditória que é o núcleo do l(ug)ar encaminha vínculos que significam o espaço. Morris (2004, p. 124) colabora ao apontar que:

Things in our world are not featureless points dropped into a featureless space, they are things made or grown in place, and such things bear a record of their making complementary to the record born within the place around them. Animals make this explicit in one way, made things in another way, and this textured relation in place is crucial to things becoming express as things for us in the fullest sense.¹⁴ (MORRIS, 2004, p. 124).

A coesão dinâmica pela qual o devir compõe o lugar em suas texturas e densidades deriva necessariamente da expressão e emersão de nexos existenciais. Como André demonstra, das mesmas sementes de ordem que advém os sermões paternos brota a revolta do lar. Na condição de sua intersubjetividade, o l(ug)ar é também fenômeno em processo, que permanece como referência. Ao descrever sua fuga, o protagonista evoca:

não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: ‘estamos indo sempre para casa’ (NASSAR, 1989, p. 33-34).

Pelo vínculo no corpo-sujeito há a condução de uma existência em que o referencial da *lavouira* delimita a ciclicidade inerente à própria fuga do protagonista. Se é salutar que o *quale visual* da *gestalt* (MERLEAU-PONTY, 2012) faça emergir a presença daquilo que plenamente existe, essa travessia consubstancia um âmago de amargor que reverbera a significância do lugar. Nesta dimensão, é nítido que a textura do lugar de André corporifica a *carne* do pai e reafirma diretamente os vínculos familiares.

¹³ “homem é visto como um ser incorporado, cuja razão e os poderes cognitivos são apenas parte visível de um engajamento mais profundo e amplo com o mundo” (HAN-PILE, 2006, p. 240).

¹⁴ “Coisas no nosso mundo não são pontos sem características jogadas em um espaço também sem características, elas são coisas feitas ou cultivadas no lugar, e tais coisas guardam recordações de como foram feitas complementarmente às recordações que nascem no lugar ao seu redor. Animais fazem isso explícito em um modo, coisas feitas em outro modo, e essa relação texturizada com o lugar é crucial para que as coisas se tornem expressas para nós como coisas em seu sentido mais completo” (MORRIS, 2004, p. 124, tradução livre).



As contradições de texturas derivadas da *gestalt* do lugar desvelam anseios frustrados que permanecem como parte da existência. Espacializam-se virtualidades *menos ásperas*, mas que da mesma forma encaminham-no ao retorno. *Se estamos sempre indo para casa* é porque existe algo nela que faz de seu habitar algo único. Na dor das paredes que raspam o sangue e dos corredores confusos também é manifesta a luz doméstica que conforma dimensões opostas e inseparáveis do que é existir **no e do** lugar.

4 PARA BATER O PASTO...

Na contraposição das geopoéticas da existência, a *Lavoura Arcaica* oferta rica possibilidade de compreensão de dinâmicas pertinentes à intensa relação lugar-lar. Nesta dimensão, é ao sentir a terra nos pés, vazando pelos vazios entre os dedos que se sente a escala da vida. Como forma de ser-no-mundo, a teluridade evoca uma geograficidade densa que emerge do corpo como condição para emergir rumo à condição geográfica.

Da mesma parede que rasga o sangue também tem gênese sentimentos de apego e vínculos que se espalham pelas imensidões dos pastos. Na sombra morna da árvore que permanece fincada propiciando sombra ao gado, observa-se a colheita farta. Esses elementos somam-se rumo a contraditórios vínculos que reverberam a própria vida na escala daquilo que ela é em seu espectro de felicidade, tristeza, angústia ou desejo.

O l(ug)ar, como conceito explicativo que visa explicar esse amplo espectro de sentidos, aflora como maneira de explicitar tensões que emanam da situação de **ser** humano. Na ambivalência da condição que emana de corporalmente existir em um mundo que se faz sincronicamente de modo subjetivo e intersubjetivo, invisibilidades se somam em uma trama densa que se costura pelas virtualidades da *gestalt*.

Texturas de lugar que se conformam por meio de vínculos ressaltam o movimento do microcosmo que é dinamizado pelas tensões inerentes à reciprocidade do vivido. Na compreensão fenomênica desse fluxo virulento que condiz à própria geopoética de ser, apreende-se que o habitar é uma cicatriz complexa que necessita de outras sensibilidades.

Ao transcender certo maniqueísmo ou dualidade, a intenção que se faz é questionar a própria natureza do fenômeno de lugar. Nessa *lavoura* é perceptível a maneira pela qual se espacializam emoções que nascem e transbordam o corpo-sujeito. Pela sua *carnalidade*, essa leitura instiga-nos a preparar o pasto para as próximas estações que se apresentam no horizonte.



REFERÊNCIAS

- ABATI, H. M. F. **Da Lavoura Arcaica**: fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar. 1999, 188f. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.
- ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. Place in context: rethinking humanist geographies. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Orgs.) **Textures of place**: exploring humanist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. xiii-xxxiii.
- BELK, R. W. Attachment to possessions. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992, p. 37-62.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRATÃO, L. H. B. Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geografia, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010, p. 297-328.
- HAN-PILE, B. Affectivity. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.) **A companion to phenomenology and existentialism**. Malden: Blackwell Publishing, 2006, p. 240-248.
- KARJALAINEN, P. T. Place in *Urwind*: A humanist geography view. **Geograficidade**. v. 2, n. 2, Inverno 2012. p. 4-22.
- LANG, R. The dwelling door: towards a phenomenology of transition. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment**: towards a phenomenology of person and world. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p. 201-214.
- LAU, K. Intersubjectivity and Phenomenology of the other: Merleau-Ponty's contribution. In: CARR, D.; CHAN-FAI, C. (Orgs.) **Contributions to phenomenology**: Space, Time and Culture. Amsterdam: Springer science+business, 2004, p. 3-14.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MORRIS, D. **The sense of space**. Albany: State University of New York Press, 2004.
- NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.
- RODRIGUES, A. L. **Ritos da paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora da USP, 2006.



RUBINSTEIN, R. L.; PARMELEE, P. A. Attachment to place and the representation of the life course by the elderly. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992, p. 139-164.

SCANNEL, L.; GIFFORD, R. Comparing the theories of interpersonal and place attachment. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Orgs.) **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, p. 23-36.

SEAMON, D. **A Geography of the lifeworld: movement, rest and encounter**. London: Croom Helm, 1979.

SEAMON, D. Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Orgs.) **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, p. 11-22.

SEAMON, D; MUGERAUER, R. Dwelling, Place and environment: an introduction. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p. 1-14.

SHAW, R. Controlling darkness: self, dark and the domestic night. **Cultural Geographies**, v. 22, n. 4, p. 585-600, 2014.

SOUZA, J. R. Discurso e subjetividade em Lavoura Arcaica. 2012, 108f., **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2012.

TUAN, Y. **Segmented Worlds and Self: Group life and individual consciousness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.